

ATAQUE À DEMOCRACIA / Delação do tenente-coronel do Exército Mauro Cid aponta ex-primeira-dama e deputado federal como integrantes de um grupo radical que propunha a Bolsonaro romper a normalidade institucional para se manter no poder

Michelle e filho 03 queriam o golpe

Ed Alves/CB/DA.Press



Segundo o ex-ajudante de ordens de Bolsonaro, quatro grupos cercavam o ex-presidente com diferentes posições sobre o que deveria fazer

» ISRAEL MEDEIROS
» FABIO GRECCHI

O deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP) e a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro tentaram convencer Jair Bolsonaro a dar um golpe de Estado, depois de derrotado nas urnas por Luiz Inácio Lula da Silva, em 2022. A acusação foi feita pelo tenente-coronel do Exército Mauro Cid, ex-ajudante de ordens do então presidente da República, na primeira delação que fez à Polícia Federal (PF), em agosto de 2023.

Os detalhes do depoimento foram trazidos à tona, ontem, pelo jornalista Elio Gaspari, colunista de *O Globo* e da *Folha de S.Paulo*, e confirmados pelo *Correio Braziliense*. Segundo Cid, depois da derrota, Bolsonaro passou a se consultar com assessores, ministros e aliados sobre que rumo tomar. O tenente-coronel afirmou à PF que havia quatro grupos distintos: um que defendia que deixasse o poder e se reorganizasse para assumir o papel de principal líder da oposição ao futuro governo Lula; outro que, embora estivesse insatisfeito com a derrota nas urnas, era contrário a qualquer ruptura institucional; um terceiro sugeria que o então presidente deixasse o país; e um quarto, dividido em dois subgrupos, que propunha um golpe de Estado. Nessa divisão, uma parte acreditava que haveria meios jurídicos para melar a eleição, mas outra era a favor da ruptura institucional violenta, inclusive clamando os CACs (Caçadores, Atiradores e Colecionadores de armas) a formarem uma espécie de milícia para manter Bolsonaro no poder. (Veja as subdivisões e seus integrantes no infográfico ao lado)

“Que as outras pessoas que integravam essa ala mais radical era composta pelo ex-ministro Onix Lorenzone, pelo atual senador Jorge Seiff, o ex-ministro Gilson Machado, senador Magno Malta, deputado federal Eduardo Bolsonaro, general Mário Fernandes (secretário executivo do general Ramos); que general Mário Fernandes atuava de forma



Essa ala mais radical era composta pelo (...) deputado federal Eduardo Bolsonaro; (...) a ex-primeira dama Michelle; conversavam com o ex-presidente, instigando-o para dar um golpe*

Trecho da delação de Mauro Cid



Enquanto lhe é sonogado o acesso à integralidade da colaboração, seu conteúdo continua publicizado, tornando o sigilo uma imposição apenas às defesas dos investigados*

Trecho da nota dos advogados de Bolsonaro

ostensiva, tentando convencer os demais integrantes das forças a executarem um golpe de Estado; que compunha também o referido grupo a ex-primeira dama Michelle Bolsonaro; que tais pessoas conversavam constantemente com o ex-presidente, instigando-o para dar um golpe de Estado”, diz um trecho da delação (*as grafias dos nomes foram mantidas incorretas porque é dessa forma que consta no documento*).

Cid aponta, também, que o ex-presidente foi acossado por influenciadores bolsonaristas para que optasse por uma saída extrema. “Que os integrantes do Hipócritas [canal de humor alinhado ao ex-presidente que era administrado por Bismark Fugazza, Antônio Pacheco e Paulo Souza] jantaram com o ex-Presidente no Palácio da Alvorada; que não se recorda se os referidos jornalistas dormiram no Palácio da Alvorada; que os integrantes do Hipócritas tinham contato direto com o ex-presidente Jair Bolsonaro; que entendiam que os CACs apoiariam o ex-presidente em uma tomada de decisão, como uma tropa civil em caso de um golpe; que o deputado federal Eduardo Bolsonaro tinha mais contato com os CACs.

Artigo 142

Entre aqueles que buscavam uma saída infralegal para melar as eleições, a ideia era tentar fundamentar o golpe no artigo 142 da Constituição — cuja interpretação era a de considerar que as Forças Armadas teriam a permissão para tornarem-se um “poder moderador”. Neste estavam o ex-assessor internacional Felipe Martins, o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, o hoje deputado federal Eduardo Pazuello (PL-RJ) e os senadores Magno Malta (PL-ES) Luiz Carlos Heinze (PP-RS) — que teria sugerido o sequestro de urnas, à revelia do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), para que fossem auditadas.

“Que nessa época após o segundo turno, recebiam muitas informações de fraudes; que o presidente repassa as possíveis denúncias para os generais Pazuello e Paulo Sérgio para que fossem apuradas; que o grupo tentava encontrar algum elemento concreto de fraude, mas a maioria era explicada por questões estatísticas: que as informações estatísticas foram tratadas pelo major Denicole: que o major Denicole era quem geralmente trazia

os dados ao ex-presidente; que o grupo não identificou nenhuma fraude nas urnas; que a única coisa substancial que encontraram foi a questão das urnas antigas que ensejou a ação do PL; que o Senador Heinz, que também integrava esse grupo, usava um documento do Ministério Público militar que dizia que como o país estava em GLO, para garantia das eleições, o senador entendia que as forças armadas poderiam pegar uma urna, sem autorização do TSE ou qualquer instância judicial, para realização de testes de integridade”, aponta outro trecho da delação, *cujas grafias de novo foram mantidas incorretas*.

Segundo Cid, esse grupo não era organizado, mas se encontrava “esporadicamente” com o então presidente. Ele também detalhou que Bolsonaro contestava o resultado das urnas e queria provar que houve fraude no processo eleitoral. Ele teria verbalizado que, se não fosse possível reunir as provas necessárias que pudessem anular as eleições, tentaria convencer as Forças Armadas a embarcar em um golpe.

Indignação

Por meio de nota, a defesa de Bolsonaro manifestou indignação com o que chamou de “vazamentos seletivos” e “inconfôrmismo” com o fato de lhe ter sido negado o acesso ao conteúdo da delação pela Justiça. “Enquanto lhe é sonogado o acesso legal à integralidade da referida colaboração, seu conteúdo, por outro lado, veio e continua sendo repetidamente publicizado em veículos de comunicação, tornando o sigilo uma imposição apenas às defesas dos investigados, evidentemente prejudicados em seu direito à ampla defesa”, salientam os advogados Paulo Cunha Bueno, Daniel Tesser e Celso Sanchez Vilardi.

O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) também criticou o vazamento da delação e foi o único do clã a se manifestar nas redes sociais. “Essa delatilação (sic) vazada hoje na imprensa é aquela negada à defesa do general Braga Netto há dois dias?”, questionou.

Quem é quem na trama



Grupo que defendia que Bolsonaro passasse o poder para tornar-se líder da oposição



(1) Senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), (2) Bruno Bianco (então advogado-geral da União), (3) senador Ciro Nogueira (então ministro da Casa Civil) e (4) brigadeiro Batista Junior (então comandante da Aeronáutica)

Grupo contrário à ruptura democrática e integrado por três militares da ativa



(1) General Paulo Sérgio Nogueira (então ministro da Defesa), (2) general Freire Gomes (então comandante do Exército), (3) general Júlio César Arruda (comandante do Departamento de Engenharia e Construção do Exército) e (4) general Estevam Teophilo de Oliveira (chefe do Comando de Operações Terrestres do Exército)

Grupo que defendia que Bolsonaro deixasse o país



(1) Paulo Maxmiano Junqueira Neto (presidente do Sindicato Rural de Ribeirão Preto, da Associação Rural de Ribeirão Preto e da Associação Rural Vale do Rio Pardo), (2) Luiz Antônio Nabhan Garcia (ex-secretário de Assuntos Fundiários do governo Bolsonaro) e (3) senador Magno Malta (PL-ES)*

Grupo que propunha a Bolsonaro dar um golpe de Estado**



(1) Deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), (2) Michelle Bolsonaro (ex-primeira-dama), (3) deputado Eduardo Pazuello (PL-RJ, então general da reserva do Exército), (4) Valdemar Costa Neto (presidente do PL), (5) Ângelo Martins Denicoli (então major do Exército), (6) Silvinei Vasques (então diretor-geral da Polícia Rodoviária Federal), (7) Felipe Martins (então assessor da Presidência para assuntos internacionais), (8) Onyx Lorenzoni (ex-ministro da Casa Civil do governo Bolsonaro), (9) senador Jorge Seiff (PL-SC), (10) Gilson Machado (ex-ministro do Turismo do governo Bolsonaro), (11) general Mário Fernandes (ex-número dois da Secretaria-Geral da Presidência no governo Bolsonaro), e (12) senador Luiz Carlos Heinze (PP-RS)

* Também é apontado por Mauro Cid como integrante do grupo que sugeria o golpe de Estado

** Era dividido em dois subgrupos: 1º) propunha a utilização de instrumentos infralegais para melar as eleições, baseava-se em interpretações distorcidas do artigo 142 da Constituição e pretendia, até mesmo, “auditar” urnas eletrônicas sem a autorização do Tribunal Superior Eleitoral (TSE); 2º) desejava incitar militares, bolsonaristas nas portas dos quartéis e mesmo os CACs (Caçadores, Atiradores e Colecionadores de armas) a aderirem à ruptura institucional